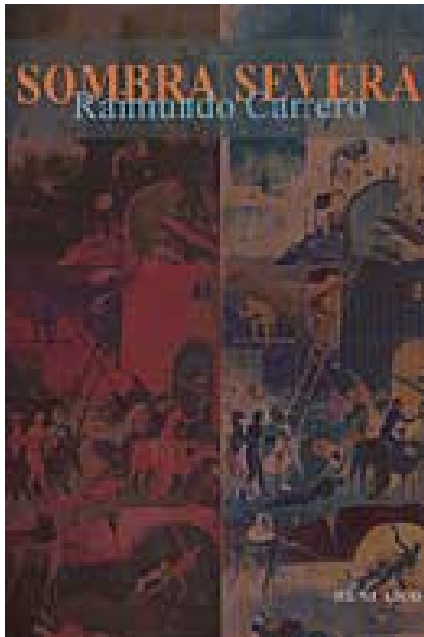


# SOMBRA SEVERA

Raimundo Carrero



## PRINCIPAIS PERSONAGENS:

**Judas:** Irmão mais moço de Abel. Prepara um caixão e pede que o irmão se finja de morto enquanto ele "despista" seus perseguidores. Na verdade, Judas odeia o irmão e vai terminar por esfaqueá-lo, dizer que ele morreu num acidente, casar com a mulher que o irmão raptara (Dina).

**Abel:** É perseguido pelos irmãos da mulher que ama. Aceita fingir-se de morto no caixão. Enquanto isso, Judas aproveita para violentar sua mulher dentro da capela, na fazenda JATI, de propriedade de ambos.

**Dina:** Filha de Sara e Adão, irmã de Jordão (Carrero adora nomes bíblicos). Depois de casada com Judas, assume a identidade do seu amado assassinado, Abel, criando inclusive um clima de incesto.



Publicado em 1986 (Editora José Olympio), o romance traz o estilo de Carrero, este pernambucano da cidade de Salgueiro, estampado por todas as páginas:

- A ANGÚSTIA DIANTE DA INCOMUNICABILIDADE
- O ESTRANHAMENTO DIANTE DO QUE É SIMPLES E COMUM
- IMPOSSIBILIDADE DE AMAR COMPLETAMENTE
- ÓDIO POR NÃO SER COMPREENDIDO
- A QUESTÃO DA FÉ
- AS ARBITRARIEDADES DO PODER
- ABORDAGEM PSICOLÓGICA
- O HOMEM DO CAMPO
- A CIDADE PROBLEMATIZADA.
- CRÍTICA À INJUSTIÇA SOCIAL

**A**nveja e o fratricídio permeiam esta versão da história de Caim e Abel. Judas é obscurecido pela sombra do irmão, Abel, o "bom", que não o deixará em paz nem depois de morto, já que reaparece na figura de Dina travestida. Merece destaque a fúria exposta pelo narrador quando descreve a morte do carneiro que Abel ganhara do padrinho e que Judas, morrendo de inveja, esfaqueia e queima o bicho.

Há algo de mórbido em Raimundo Carrero. Algo de "casmurro" em vários de seus personagens. Quase não há diálogo, o discurso indireto apossa-se da trama conduzindo a juízos sobre:

**DEUS – "...era um ser incrível cercado de solidão - a solidão dos abandonados da sorte, dos miseráveis que estendem latas vazias pelas ruas, das mulheres que, enlouquecidas andam sujas pelas estradas. A solidão do esquecimento completo e absoluto".**

**AMOR - " O amor é a inveja do outro: ama-se para roubar do outro a parte que lhe falta" .**

De modo geral, um livro começa a ser lido pelas beiradas. Capa, contracapa, orelha, dedicatória, epígrafe, uma esporádica nota do autor ou do editor, uma sincera ou fingida "advertência" funcionam como miudezas que, envolvendo o objeto que o leitor tem em mãos, de certa forma retardam, ou preparam, seu encontro com o texto.

Se o leitor começar a ler *Sombra Severa* pela contracapa, e em seguida passar à orelha do livro, pode pensar que se trata de um romance extremamente bem cuidado, sem espaço para qualquer excesso, erigido sobre uma saudável *secura*, da qual emerge uma história densa, beirando o trágico - "um romance que já nasce com dimensões de clássico", como afirma Marcos Santarrita. Ao abrir o livro e se deparar com nada menos que quatro longas epígrafes, ocupando, ao todo, duas páginas, o leitor quem sabe tenha a impressão de que foi enganado, de ter levado gato por lebre, e pensar, com todo o direito, que tem diante de si apenas mais um romance verborrágico, um daqueles textos "tagarelas", como diria Barthes. Ao ler o romance, no entanto, verá que não se trata nem de uma coisa nem de outra.

Não há dúvidas de que Raimundo Carrero conhece bem seu ofício. Os prêmios que recebeu - entre outros, o Machado de Assis, em 1996, e o Jabuti, em 2000 - apenas comprovam sua habilidade naquilo que Drummond definia como o ato da escrita: cortar palavras. *Sombra Severa* não é um livro prolixo. Os episódios são narrados de forma seca, com frases curtas e incisivas, numa economia verbal que espelha um dos personagens centrais, o lacônico Judas.

O que acontece é que tal concisão de linguagem não se mantém o tempo todo. Vez ou outra o narrador conclui a descrição de uma cena com uma frase feita, quase uma moral da história, perfeitamente dispensável. Frases como "os dedos que tecem a morte cosem a mortalha", ou "uma mulher tem segredos que os olhos não podem conhecer", ou ainda "um homem só é capaz desse nome quando enfrenta ousadias" beiram o lugar-comum e ocupam o espaço que caberia de direito ao leitor, impedido, assim, de imaginar ele próprio algum provável sentido para o que acaba de ler.

**Sangue** - No início, o romance parece apontar para uma história sangrenta, impressão que vai sendo reforçada à medida que a trama ganha corpo: dois irmãos, Judas e Abel, apaixonados por uma mesma mulher, Dina. Abel, o primogênito, rouba a moça da casa dos pais e a leva para morar na velha casa de fazenda, onde também mora Judas. A provável vingança da família da jovem desonrada surge como mais um elemento a indicar que o duelo será inevitável. De fato, ele acontece, mas não como se espera. Habilmente, o narrador nos leva a seguir uma pista falsa, e a verdadeira batalha será travada não entre Judas e Abel, ou entre estes e a família de Dina, mas entre adversários mais sutis. Algum sangue será derramado, é certo, mas com alcance mais profundo, envolvendo sentimentos contraditórios, como ódio, amor, inveja, culpa, perdão.

Numa época marcada por reescrituras, o maior mérito de *Sombra Severa* talvez esteja no fato de poder ser lido como uma interessante retomada de uma vertente que acompanha nossa produção em prosa desde os tempos de Alencar: o regionalismo. No romance de Raimundo Carrero, permanece como que o esqueleto, a espinha dorsal do modelo regionalista, que se caracterizou, sobretudo, pela descrição de cenários rurais ou de pequenos povoados no interior do país e o relato dos costumes pautados pela rigidez moral e pela religiosidade.

Tudo isso está presente no romance, mas apenas como pano de fundo para o desenrolar de uma história passada muito mais dentro do que fora dos personagens. Não há indicações precisas de tempo ou de espaço — o enredo pode situar-se em qualquer vilarejo, do passado remoto ou recente, ou mesmo de hoje — e os nomes dos personagens ou são de inspiração bíblica ou são nomes que não trazem em si nenhuma marca regional. Isso porque o importante de fato é o que acontece no íntimo dos personagens, em seus duelos, épicos e silenciosos, com a própria consciência. Ao mesmo tempo, cada um é obrigado a lidar com o silêncio do outro, buscando entender o que o outro possa estar sentindo ou pensando, o que deflagra o jogo das hipóteses, das leituras cruzadas. É no terreno da autoconsciência e da dúvida, portanto, que o conflito se instala.

**Forma** - O traço regionalista aparece quase como uma citação, uma referência inicial que o romance vai esvaziando à medida que avança. Nesse sentido, *Sombra Severa* é uma releitura e uma reescritura da velha fórmula regionalista, cultivada de forma expressiva por românticos, naturalistas e modernistas e meio que abandonado nesses tempos pós-modernos. O autor mantém apenas o arcabouço do antigo modelo e nele insere uma narrativa que mais se aproxima da tragédia. Judas, por exemplo, convive o tempo todo com a *Sombra Severa* de uma consciência culpada, que se apresenta sob a forma de súbitos fantasmas, um deles de carne e osso, a assombrar-lhe o dia e a noite na quase solidão da fazenda.

As frases feitas, as imagens que, pretensamente poéticas, esbarram numa incômoda previsibilidade e a recorrência a inexplicáveis inversões sintáticas comprometem, porém, o resultado final. Curioso é que em algumas das últimas cenas, em que o narrador apresenta episódios da infância dos dois irmãos, isso não acontece e a história caminha num ritmo exato, sem excessos. Fosse todo o romance narrado como se narram tais episódios, *Sombra Severa* faria jus aos comentários elogiosos de Santarrita, na orelha do livro.

No final, como numa imensa alegoria, um bando de cães famintos invadem a casa de Dina e Judas, ela os afasta. A seguir, vem a metamorfose definitiva de Dina em Abel, de quem ela assume os trajes, o corte de cabelo e ... a identidade. Judas tranca-se no quarto e Dina (Abel?) encara a luz do sol.